

CORREIO NO MUNDO

Casa Branca



Donald Trump reagiu às divulgações dos arquivos

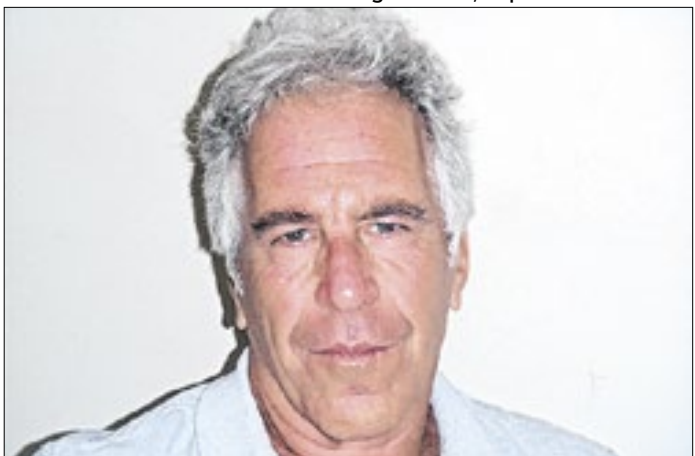
Governo Trump libera parte de arquivos do caso Epstein

O Departamento de Justiça dos Estados Unidos, no governo de Donald Trump, começou na sexta (19) a divulgação dos arquivos do caso do abusador sexual Jeffrey Epstein, após meses de cobranças da base republicana e trocas de acusações entre congressistas democratas e o presidente americano. Depois de vaivéns políticos, Trump cedeu à pressão da base do Partido Republicano e, há um mês, sancionou o projeto de lei que liberou os arquivos da investigação sobre o suposto esquema de tráfico sexual operado por Epstein. O prazo para a divulgação era de 30 dias, completados nesta sexta. O departamento publicou um site em que disponibilizou transcrições de depoimentos, registros dos tribunais e outros milhares de arquivos.

Arquivos eróticos

Há expectativa em torno da liberação dos arquivos, mas ainda não está claro quanto há de informação realmente nova no caso, já que muitos documentos já eram de conhecimento público, nem se o material trará novos esclarecimentos sobre as relações de Epstein com pessoas poderosas, como políticos e celebridades. Entre os documentos há dezenas de milhares de fotografias apreendidas em CDs e dispositivos eletrônicos, muitas delas com teor erótico e sexual.

U.S. Virgin Islands, Department of Justice



Arquivos de Jeffrey Epstein estão sendo divulgados

Trump reage à divulgação

Há fotos em que meninas aparecem sem roupas. A maior parte do material tem tarjas que impedem a visualização completa das imagens. Rostos e partes do corpo que possam identificar as pessoas envolvidas são escondidos por retângulos pretos. Ao assinar a lei que obriga o Departamento de Justiça a divulgar os documentos não confidenciais, Trump repetiu as acusações de que o caso tem ligação com os democratas, não com os republicanos, e que seus opositores estariam usando “a questão Epstein” para “tentar desviar” do que ele chamou de suas “incríveis vitórias”.

Exceção no regulamento

A legislação que liberou os arquivos explicita que nenhuma parte do material deve ter sua divulgação impedida em razão de “constrangimento, dano à reputação ou sensibilidade política”. No entanto, há um item possibilitando a censura temporária de material que possa “comprometer uma investigação federal ativa ou processo judicial em andamento”.

Por Gabriel Barnabé e Víctor Lacombe (Folhapress)

Bombardeio

Os EUA disseram ter atacado na sexta (19) dezenas de alvos do Estado Islâmico na Síria em resposta a um atentado recente contra americanos no país. Autoridades do governo Trump disseram que a ação teve o objetivo de punir integrantes do grupo terrorista de alguma forma responsáveis pelo ataque ocorrido no último dia 13.

Promessa de Trump

Trump havia prometido retaliação após a morte de dois soldados do Exército e de um civil, que trabalhava como intérprete, em uma emboscada na cidade síria de Palmira, no centro do país. Outros três militares ficaram feridos no ataque, que afetou também pessoas da Síria, que apoiou a ação americana.

Ação contínua

Na ocasião, um integrante do Estado Islâmico atacou um comboio de forças americanas e sírias antes de ser morto a tiros, de acordo com autoridades. O secretário americano Pete Hegseth disse que os EUA “caçaram e mataram” seus inimigos e que continuarão a fazê-lo nos próximos anos.

Hawkeye Strike

O secretário de Defesa dos EUA, Pete Hegseth, confirmou que os bombardeios atingiram combatentes do grupo terrorista, além de infraestrutura e depósitos de armas do grupo. A ação foi batizada de “Operação Hawkeye Strike”. Em declaração dura, Hegseth afirmou que a ofensiva não representa o início de uma guerra, mas sim um ato de vingança.

Coalizão

De acordo com dois funcionários americanos mencionados pela agência de notícias Reuters que falaram sob condição de anonimato, os ataques foram feitos contra dezenas de alvos do Estado Islâmico espalhados pela região central da Síria. A ofensiva faz parte de uma campanha contínua da coalizão liderada pelos EUA.

Estado Islâmico

A coalizão vem fazendo ataques aéreos e operações terrestres contra suspeitos do E.I. nos últimos meses, com a participação das forças de segurança sírias. O Ministério do Interior sírio informou que o autor do ataque em Palmira integrava as forças de segurança do país, suspeito de simpatizar com o Estado Islâmico.



Países europeus, a contragosto, deu razão ao presidente russo

Putin tem nova vitória contra a Ucrânia

Europa desiste de usar reservas russas para ajudar Ucrânia

Por Igor Gielow (Folhapress)

Após semanas de discussão, a União Europeia desistiu de usar reservas russas congeladas na Bélgica para lastrear um empréstimo de 90 bilhões de euros (R\$ 585 bilhões) que visa apoiar a Ucrânia em sua guerra contra a invasão russa.

O dinheiro, agora, virá de fundos europeus já existentes, na prática resolvendo o problema mais imediato do governo de Volodimir Zelenski, que precisa de 136 bilhões de euros (R\$ 880 bilhões) para fechar suas contas em 2026 e 2027.

O bloco, em reunião do Conselho Europeu que começou na véspera em Bruxelas, tentou manter as aparências. “Nós nos comprometemos e entregamos. A UE se reserva o direito de fazer uso dos ativos imobilizados para pagar o empréstimo”, disse o chefe do órgão, o português António Costa.

Na prática, foi uma derrota para líderes como o premiê alemão, Friedrich Merz, que fez uma campanha para dar o que chamou de um sinal claro a Vladimir Putin. Seu colega polonês, Donald Tusk, chegou a dizer que a Europa tinha “uma escolha entre dinheiro hoje ou sangue amanhã”.

O esquema havia sido proposto na semana passada pela Comissão Europeia, órgão executivo da UE, e desenhado para driblar a quase sempre necessária unanimidade no bloco continental. Invocando um risco emergencial ao bloco, que

países como a Hungria dizem não existir, o órgão determinou que uma simples maioria entre seus 27 membros seria necessária.

A ideia era engenhosa e mirava, inicialmente metade dos 180 bilhões de euros (R\$ 1,17 trilhão no câmbio desta quinta) que o Banco Central russo tem na agência belga de depósitos Euroclear. Esse dinheiro era investido em títulos do Banco Central Europeu e o rendimento, pelo acordo, ficava com a Euroclear.

Com as sanções devido à guerra, o acesso aos ativos foi congelado, mas eles seguem sendo russos. O que o plano prevê é que a Euroclear passe a investir o valor em títulos emitidos pela Comissão Europeia, que usará o dinheiro para emprestar em parcelas para Kiev em 2026 e 2027.

Segundo a proposta, Kiev só teria de devolver o empréstimo quando a Rússia lhe pagasse reparações pelos danos da guerra. Ou seja, que Moscou pague para ter seu dinheiro de volta. Para isso, foi montada nesta semana na Holanda uma comissão internacional para avaliar valores.

Na sexta (19), Putin voltou a dizer que a ideia equivalia a um roubo, explicitando riscos para a economia. “Não é só um dano de imagem, é a erosão da confiança na zona do euro, pelo fato de que muitos países, não só a Rússia, têm reservas em moeda estrangeira. Se isso começasse, poderia ser replicado sob vários pretextos”, disse.